



**AMBIENTE:** Universidade cria programa para salvar o velho Chico

**IBITINGA:** Município engajado na revitalização de áreas ciliares



**MUTIRÃO AZUL:** Atividades contra o desperdício de água



# JORNAL MataCiliar

Ano 2 • Edição nº 12 • Abril 2008

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE  
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

www.ambiente.sp.gov.br

ENTREVISTA

Carlos R. Fonseca

“Para o sapo, não é só o desmatamento que influi, mas como ele é feito. Não adianta preservar uma mata, se não houver mata ciliar e conectividade entre a água e a mata mais próxima.”

## Empresas de energia terão de recuperar matas ciliares em áreas de reservatório

O Estado de São Paulo possui apenas 13,9% de florestas originais, representando cerca de 3,4 milhões de hectares (ha). Pelo **Projeto Estratégico Mata Ciliar**, coordenado pela Secretaria do Meio Ambiente (SMA), o governo paulista pretende recuperar 1,7 milhão de ha de Áreas de Preservação Permanente (APP), nas margens dos rios, córregos, nascentes e reservatórios de água. Assim, em um prazo estimado de 25 anos, São Paulo passaria a ter 5,1 milhões de ha de vegetação natural, aumentando de 13,9% para 20% o seu território com florestas. Para alcançar esse índice, a SMA vem empreendendo uma série de ações. Uma delas está focada nas áreas dos reservatórios. Segundo Helena Carrascosa von Glehn, coordenadora do projeto, “o perímetro das represas em São Paulo alcança mais de 10 mil km, ou seja, é maior do que a costa brasileira.

Reflorestar as bordas das represas ajuda a antecipar a recuperação florestal do Estado e é de interesse das empresas”, avalia Helena Carrascosa.

Assim, empresas de energia e saneamento estão recebendo comunicado da SMA notificando que elas têm prazo até 30 de abril de 2008 para informar qual é a situação das áreas ciliares nas marginais aos reservatórios. A medida faz parte da Resolução SMA 42 de 29/9/2007, que institui o Projeto Estratégico Mata Ciliar, e teve os procedimentos regulamentados por meio de portaria da Coordenadoria de Licenciamento Ambiental e de Proteção de Recursos Naturais (CPRN) (Portaria CPRN-2, de 21/1/2008).

Além das empresas de energia e saneamento, proprietários e posseiros rurais, com área igual ou superior a 2.000 ha, e as empresas florestais do setor de papel e celulose também estão sendo notificados. Os proprietários

devem indicar a delimitação das matas ciliares e as medidas de proteção adotadas para permitir a regeneração natural, como isolamento e remoção de fatores de degradação.

O setor canavieiro foi o primeiro a divulgar a situação das matas ciliares em suas terras, junto com o Requerimento de Queima de Palha de Cana, no início do mês de abril ou como

**“Reflorestar as bordas das represas ajuda a antecipar a revitalização florestal do Estado”, avalia Helena Carrascosa**

parte dos planos de ação para implementação do Protocolo Agroambiental das Usinas. Até 30 de setembro de 2008, as propriedades ou posses rurais com área de 500 ha até 2.000 ha devem informar a situação de suas matas ciliares. O último grupo, composto por propriedades com área entre 200 ha até 500 ha, tem prazo até 30 de setembro de 2009 para fazer o cadastro.

As Comunicações de Áreas Ciliares poderão ser

feitas por meio eletrônico, pelo Portal Projeto de Recuperação de Matas Ciliares (no site [www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar](http://www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar)), ou pelo envio de formulário específico para a CPRN, na Av. Professor Frederico Hermann Jr., 345, São Paulo.

A comunicação poderá ser substituída pela inscrição das áreas ciliares no Banco de Áreas Disponíveis para a Recuperação Florestal (informações também no site do Projeto), desde que sejam inscritas todas as áreas ciliares da propriedade.

### Um exemplo pioneiro

A Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) é uma das empresas que administram reservatórios em território paulista e desenvolve, há 15 anos, programa de recuperação de matas ciliares em parceria com proprietários de terras limítrofes à represa de Volta Grande, com área nos Municípios de Miguelópolis, Igarapava e Araminas, na divisa com a região de Uberaba, em Minas Gerais. “Estamos plantando em nossa área de segurança, que tem cerca de 10 m de margem, e nego-



**Governo paulista pretende recuperar 1,7 milhão de ha de mata ciliar em todo Estado de São Paulo**

ciando com os agricultores, a maior parte produtores de cana-de-açúcar, para que também recuperem a mata ciliar”, conta José Ricardo Silveira, técnico de Meio Ambiente da Cemig.

A área de segurança é uma região em volta da represa que a empresa reserva para o caso de precisar expandir o lago. Segundo Silveira, não há consenso se essas áreas fazem ou não parte da APP e, por conta disso, alguns promotores consideram que devem ser reflorestados 110 m, ao longo das represas.

“De qualquer forma, estamos conseguindo recuperar entre 30 m e 50 m, o que já é algo bom”, afirma Silveira.

O técnico de Meio Ambiente conta, ainda, que o projeto da Cemig visa também recuperar corre-

dores de biodiversidade em córregos tributários à represa, como na parceria com a Usina Junqueira, em Igarapava, em que foram recuperados 20 km com uma faixa de 100 m de mata ciliar.

A Cemig possui, ainda, o reservatório Jaguará, no município paulista de Rifaina, área na qual o turismo é forte e as matas nativas ainda são significativas. No local, o projeto de recuperação de mata ciliar é mais recente. Segundo Silveira, acaba de ser finalizado o reflorestamento na propriedade do cineasta Fernando Meirelles, que há tempos vem recuperando os córregos de sua fazenda. “Vamos programar um dia de campo, no local, para mostrar os resultados”, diz o técnico da Cemig. ▶



**Projeto da Cemig visa recuperar os corredores de biodiversidade**



# Universidade de Lavras tem programa para salvar o Rio São Francisco

Fotos: Divulgação/UFLA

Considerado o 3º maior rio do Brasil, com 2,7 mil km<sup>2</sup>, o São Francisco é cenário de vários projetos de recuperação de matas ciliares, cujo desafio é revitalizar nada menos que 600 mil ha de Áreas de Preservação Permanente (APPs) da bacia hidrográfica que começa na Serra da Canastra, em São Roque de Minas (MG), e vai até o Oceano Atlântico, entre Sergipe e Alagoas.

Um dos principais protagonistas desse processo é o Centro de Excelência em Matas Ciliares (Cemac), da Universidade

## Centro da UFLA participa da recuperação de matas ciliares na Bacia do velho Chico

Federal de Lavras (UFLA-MG), que participa de três projetos. Financiados pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (CODEVASF), ligada ao Ministério da Integração Nacional, e ao Ministério do Meio Ambiente (MMA), os Centros de Referência em Recuperação de Áreas

Degradadas (CR-AD) deverão funcionar em parceria com universidades e estar voltados para o desenvolvimento de soluções técnicas para recuperar trechos deteriorados na Bacia do São Francisco. A UFLA é responsável por dois deles, o do Município de Arcos e o de Paracatu, inaugurado em novembro de 2007. Além deles, estão em construção os CR-ADs em Montes Claros, ainda em Minas, três em Pernambuco (Petrolina, na região do Baixo São Francisco, e em Serra Talhada), além de mais dois na Bahia, em Bom Jesus da Lapa

e em Barreiras, todos em parceria com universidades locais.

Outro projeto do Cemac é o Surubim, desenvolvido no Alto São Francisco, cujo objetivo é elaborar e executar ações-modelo para recuperação de cobertura vegetal, por meio da sensibilização, capacitação e assistência técnica a proprietários rurais, com o estabelecimento de 25 áreas demonstrativas em 30 propriedades que aderiram ao projeto. Com a coordenação do professor Antônio Cláudio Davide, a UFLA vai monitorar essas áreas por períodos de cinco a dez anos, para avaliar a influência de cada metodologia utilizada na recuperação das áreas.

Ainda em abril, a Universidade de Lavras deve dar início ao Plano Integrado de Desenvolvimento Florestal Sustentável de Suporte ao Programa



Desafio é revitalizar 600 mil ha de áreas de preservação permanente na bacia hidrográfica

de Revitalização da Bacia do São Francisco nos Estados de Minas Gerais, Bahia, Goiás e Distrito Federal. Esse plano integra estudos e projetos existentes e articula esforços institucionais (governo federal, estaduais, municipais, universidade, empresas, ONGs), visando

do a revitalização social, ambiental e econômica da Bacia. As ações propostas deverão ser executadas entre 2008 e 2015, prazo final definido para o Programa de Revitalização da Bacia do São Francisco, um grande esforço para salvar o velho Chico. ▽

## Somar para incentivar a restauração das APPs

GTs estudam diretrizes, programas e ações direcionados a estimular a preservação florestal

Um Grupo de Trabalho (GT) do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) está elaborando uma normatização sobre metodologias de restauração das Áreas de Preservação Permanente (APPs). Pouco respeitadas no País,

elas são as áreas nas quais estão localizadas, por exemplo, as matas ciliares, as encostas com mais de 45° de inclinação, os manguezais, as restingas e as escarpas, que os proprietários têm obrigação de preservar.

Segundo o relator do GT, o biólogo Ademir Reis, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ainda é cedo para saber como será a resolução final, pois, depois de concluída a proposta, o texto ainda deverá passar pela Câmara Técnica e pela Assembléia do Conama até ser aprovado, mas ressalta que o resultado deverá ser um manual que sirva para orientar a recuperação dessas áreas.

“Posso adiantar, porém, que será suprema-

mentária, ou seja, não vamos fechar com nenhuma escola de restauração específica; daremos parâmetros gerais, em que as técnicas possam ser inseridas. A idéia é somar para incentivar e orientar a restauração, já que não existe no País a obrigatoriedade legal de se restaurar APPs”, diz o relator. Reis informa, ainda, que o grupo é aberto a todos os interessados, que podem participar das discussões pelo grupo virtual [gt\\_restauracao\\_apps@googlegroups.com](mailto:gt_restauracao_apps@googlegroups.com). Além disso, todas as decisões do GT estão disponíveis no site do Conama ([www.mma.gov.br/conama](http://www.mma.gov.br/conama)), em até dois dias após cada reunião. A previsão de encerramento do trabalho é em junho, embora, conforme o relator, não seja um prazo fechado. ▽

Nas APPs, estão localizadas matas ciliares, manguezais, restingas e escarpas



## Seminário discute biomonitoramento e educação ambiental

A utilização da fauna bentônica como bioindicador da qualidade ambiental foi o principal tema discutido durante o seminário Instrumentos para o Programa Estadual de Recuperação de Matas Ciliares: Biomonitoramento e Educação Ambiental, promovido no dia 18 de março, pelo Projeto Mata Ciliar da SMA, em parceria com a Cetesb. Fauna bentônica é o nome técnico dado a moluscos, crustáceos, vermes, insetos e outros seres que habitam o assoalho dos corpos d'água. Como a floresta ciliar é reconhecida importante para a manutenção dos processos ecológicos em ambientes aquáticos, por meio do estudo

desses seres é possível identificar também a qualidade da mata ribeirinha e da água.

Um córrego saudável tem uma grande variedade de espécies e população numericamente moderada da maioria dos organismos aquáticos. A diversidade é uma característica-chave: sua diminuição, com a existência de uma ou poucas espécies com grande população, pode indicar perda de saúde e prejuízos às demais espécies. Quando a população como um todo se torna menor e há somente poucas espécies, provavelmente há poluição do ambiente.

Durante o evento, Daniel Buss, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), e Malu Ribeiro, da Rede das



Pitu no rio. Fauna bentônica mostra a qualidade ambiental

Águas, apresentaram projetos de monitoramento das águas por comunidades com baixo custo e como instrumento de educação ambiental. Ambos observaram, porém, que esse tipo de atividade não substitui nem concorre com os dados de qualidade da água de agências especializadas como a Cetesb. Para Amélia Santos, do Instituto de Botânica da Universidade de São Paulo (IBt-USP), a educação ambiental deve transformar as pessoas em “cidadãs ambientais”. ▽



# Ibitinga, engajado na revitalização de áreas ciliares

Localizado no centro do Estado de São Paulo, o município de Ibitinga é conhecido por suas belas paisagens, formadas por um rico sistema fluvial, que começa com um despoluído Rio Tietê e inclui, ainda, os Rios Jacaré-Pepira, Jacaré-Guaçu, São Lourenço, São João e Ribeirão dos Porcos, além de vários córregos. No Jacaré-Pepira, considerado o mais limpo e preservado do Estado, está Pantaninho, a única reserva pantanosa com similaridade, tanto na fauna quanto na flora, ao Pantanal Mato-Grossense. O município é também uma Área de Proteção Ambiental (APA), embora ainda não esteja regulamentada. Mesmo com todos esses predicados ambientais, a microbacia do Córrego da Água Quente, um dos três mananciais que abastecem a cidade, encontra-se praticamente sem remanescentes florestais nativos, por causa da expansão agrícola, sobretudo de cana-de-açúcar, da citricultura e das pastagens. A principal característica da microbacia é a formação de campos úmidos, que, sem a vegetação ciliar pro-

**Córrego da Água Quente, que abastece a cidade, está sem remanescentes florestais nativos, por causa da expansão agrícola**

tetora, vêm aumentando com o assoreamento.

Essa foi a razão pela qual a prefeitura inscreveu a microbacia no projeto demonstrativo do **Projeto de Recuperação de Matas Ciliares**, da Secretaria de Estado do Meio Ambiente. Segundo o secretário municipal de Agricultura e Meio Ambiente, Gumercindo Tossato: “Temos uma lei de 2006 que obriga o produtor rural a proteger a mata ciliar e conservar o solo nos córregos que abastecem a cidade. Quando fomos contemplados para participar do projeto, nos dispusemos a colaborar em tudo o que fosse preciso para o programa, principalmente com operadores e maquinários, como trator, roçadeira, sulcador e veículos para a distribuição das mudas”.

O Projeto Mata Ciliar

em Ibitinga conta ainda com a parceria da Coordenadoria de Assistência Integral (CATI), da Secretaria de Estado de Agricultura e da ONG Ecologia Ibitinga. O engenheiro agrônomo Alcides do Santos Moreira, responsável pela Casa de Agricultura da CATI, no município, é uma das pessoas-chave para o sucesso do projeto, pois, com sua vasta experiência com os agricultores, abre caminho para os técnicos do projeto. Por outro lado, a ONG Ecologia Ibitinga, conhecida como Ecoibi, que atua há quase quatro anos na educação ambiental da região, é a executora do projeto. Para o presidente da entidade, Agenor Gama Jr. – que também é um dos proprietários beneficiados pelo projeto –, o trabalho está sendo muito gratificante e poderá ser levado para outras áreas do município. “Esperamos continuar plantando, já que formamos uma equipe de trabalhadores, e os proprietários têm se engajado. Alguns deles, inclusive, ajudando a construir as cercas para o projeto.”

O plantio na microbacia do Córrego da Água

Quente começou no fim de dezembro de 2007. Na primeira etapa, foram plantados 7,5 ha, em seis propriedades, com um total de 12.554 mudas e 2.122,5 m de cercas. A nova etapa está em fase de aprovação para mais oito projetos, que deverão reflorestar mais 5 ha, totalizando 14 propriedades. “Obviamente, não vamos parar por aí. Pretendemos plantar durante todo ano, na medida em que aumentar a participação e a adesão dos proprietários”, afirma Irene Tosi Ahmad, responsável pelo Mata Ciliar na Bacia Tietê-Jacaré.

“A adesão voluntária dos produtores rurais é o fato mais importante no projeto. No início, ainda tinham algum receio, agora estão procurando a ONG responsável, inclusive para plantio em outros bairros”, conta o secretário municipal de Agricultura e Meio Ambiente. Tossato revela que, em maio, será inaugurada, em Ibitinga, uma base da Polícia Ambiental, na qual haverá um viveiro para produção de mudas de espécies nativas. “O pontapé inicial desse processo foi o Projeto Mata Ciliar.”

## Capital nacional do bordado

A indústria e o comércio de bordados são os principais responsáveis pelo desenvolvimento econômico de Ibitinga, município de 53 mil habitantes. O bordado desenvolveu-se, na região, a partir dos anos 1930, com o trabalho de um grupo de mulheres. Elas ensinavam a arte em máquinas de costura, conhecidas como “maquininhas”, para as moças e jovens senhoras ibitinguenses. O bordado era um complemento da renda familiar.

A evolução na forma de produção e nas matérias-primas utilizadas foi rápida e as máquinas elétricas chegaram por meio da

Escola de Bordados Singer, montada por Gottardo Juliani, revendedor da marca. Ele projetou uma máquina elétrica especialmente para atender ao mercado de Ibitinga. Naquele momento, o bordado passava a se tornar fonte principal de renda da cidade.

Hoje, com a tecnologia, as máquinas foram aprimoradas e também os produtos utilizados na fabricação das confecções bordadas, mas o segredo do sucesso é a mão-de-obra, com acabamento e processo artesanais, que se especializa a cada dia.

## A cruz do cigano

Cruz do Cigano é um dos principais córregos que contribuem para o Água Quente e seu nome está ligado a uma lenda que faz parte do dia-a-dia da microbacia. A história começou por volta de 1910, no sítio (hoje também chamado Cruz do Cigano) em que um grupo de ciganos estava acampado. Entre eles, dois jovens, Antônio e Jacyra, estavam com o casamento ajustado entre as famílias, como reza a tradição cigana. Um dia, porém, Antônio conheceu, na vila de Ibitinga, a jovem Rosalina, filha de imigrantes portugueses, que sempre usava uma rosa vermelha no cabelo e um finíssimo crucifixo de ouro no pescoço. Apaixonado, o

rapaz revelou ao seu grupo a intenção de desmanchar o noivado com Jacyra e se casar com Rosalina, deixando os chefes revoltados. Um dia, o cigano foi encontrado morto, talvez assassinado por alguém de sua própria gente. No mesmo dia, Rosalina desapareceu misteriosamente e nunca mais se teve notícia dela.

No dia seguinte ao enterro de Antônio, algumas pessoas que visitavam o cemitério viram que cresceu uma enorme roseira carregada de rosas vermelhas e, de um dos galhos, pendia um finíssimo crucifixo de ouro. Desde então, começaram as romarias e os pedidos de graças ao cigano, que continuam até hoje.



Vista da área plantada na Fazendinha São Luciano, na nascente do córrego Cruz do Cigano. À direita, distribuição de mudas para o plantio



Fotos: Irene Tosi





Espaço "Despoluindo o Rio", no evento realizado no Parque Villa Lobos, na cidade de São Paulo

Lançamento do Projeto AJA, no Parque Ecológico de Guarapiranga

# Um mutirão de atividades

A Secretaria do Meio Ambiente (SMA) realizou, no último dia 19 de março, o **Mutirão Azul - Água na Medida Certa!** Por todo o Estado de São Paulo, foram promovidas diferentes ações, com o objetivo de conscientizar crianças e adultos sobre a importância da água. O mutirão procurou, também, sensibilizar a sociedade para os riscos que o uso indiscriminado da água pode causar ao planeta, por tratar-se de um recurso finito e cada vez mais escasso, principalmente nos grandes centros urbanos.

Foram duas mil atividades, em cerca de 250 municípios, além da distribuição de panfletos, bandanas e apitos, esses últimos para provocar bastante barulho, um verdadeiro apitoço contra o desperdício de água. Para convidar a população a participar, foram afixados cartazes da campanha em estações de trem da Companhia Paulista de Transportes Metropolitanos (CPTM), da Companhia do Metropolitan de São Paulo (Metrô) e em

ônibus, e foram colocadas 44 faixas em rodovias.

Com a presença do Secretário Estadual do Meio Ambiente, Xico Graziano, cerca de 250 crianças de escolas municipais de São Paulo participaram do lançamento do Mutirão Azul, no Parque Villa Lobos, na capital. Os estudantes visitaram as instalações do "Espaço Mutirão Azul", como a Praça da Água, onde monitores explicaram como funciona o ciclo da água. No espaço "Despoluindo o Rio", simulou-se a limpeza das águas, ressaltando, também, a importância da coleta seletiva e reciclagem do lixo. Além disso, os estudantes puderam ver como é feita a análise laboratorial da qualidade da água, em apresentações feitas no laboratório da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb).

As escolas estaduais também participaram ativamente do Mutirão Azul, convidadas por uma videoconferência, promovida por meio da Rede do Saber, a qual mobilizou 5.300 escolas, contribuindo para

## Foram 2.000 atividades em todo o Estado contra o desperdício de água

disseminar conceitos de educação ambiental entre professores, assistentes técnicos pedagógicos, diretores e alunos. O envolvimento da Secretaria Estadual de Educação nos Mutirões Ambientais é fundamental e sua colaboração e trabalho, em parceria com a SMA, vem se consolidando desde 2007.

Um resultado desta parceria é o Projeto Ação Jovem Ambiental (AJA), ação de educação ambiental promovida pela Coordenadoria de Educação Ambiental / SMA para que jovens de 12 a 16 anos, voluntários da comunidade local, se engajem e participem de programas de mobilização e discussão em torno de questões ambientais locais. Como parte das ações do Mutirão Azul, no Parque Ecológico do Guarapiranga, foi lançado o primeiro grupo do AJA, com alunos da Escola

Estadual Paulino Nunes Esposo. O Parque, também, promoveu uma série de atividades monitoradas, além da apresentação de uma peça de teatro, plantio de mudas de espécies da Mata Atlântica e um passeio de escuna pela represa Guarapiranga, enfocando a preservação e o uso consciente dos recursos hídricos, envolvendo cerca de 700 jovens e crianças.

Outras instituições da SMA promoveram ações de conscientização no Mutirão Azul. No Centro de Referências em Educação Ambiental da SMA, localizado no Parque da Água Branca, em São Paulo, foram recebidos alunos de escolas do entorno do parque, os quais realizaram uma trilha interpretativa sobre água, assistiram vídeos ambientais e fizeram um apitoço. No Zoológico de São Paulo, as atrações foram a Casa da Água, as Estações de Tratamento de Água e de Esgoto, o Zoomóvel e as apresentações didáticas sobre animais, que se estenderam até o dia 22 de março, Dia Mundial da Água. ▀

Entrevista

Carlos R. Fonseca

## Sapos e matas ciliares



Divulgação

Um estudo desenvolvido por pesquisadores brasileiros mostrou que a falta de ligação entre as espécies remanescentes de Mata Atlântica e os corpos d'água, pela ausência de matas ciliares, é uma das principais causas da diminuição do número de anfíbios (sapos, rãs e pererecas), que vivem no interior de São Paulo. Segundo Carlos Roberto Fonseca, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), um dos autores do trabalho, ao comparar fragmentos de mata com e sem riachos, foi observada uma queda, onde não há corpos d'água, de cerca de 50% no número de espécies e de indivíduos.

### Jornal Mata Ciliar - O estudo do qual participou mostra que há grande diferença na quantidade de anfíbios em áreas com e sem mata ciliar. Por que isso ocorre?

Carlos R. Fonseca - No estudo, verificamos que áreas de 15 km, com mata ciliar preservada, apresentam, em média, 15 espécies de anfíbios. Já os trechos do mesmo tamanho, sem a mata ciliar, têm somente seis ou sete. Isso ocorre porque o sapo nasce na água como girino e só depois se torna um sapinho. Quando o ambiente está íntegro, ele sai direto da água para a floresta, mas quando não tem mata ao lado do rio, ele sai em um ambiente estranho e tem de procurar uma floresta, o que não faz parte do seu instinto. Ao atravessar áreas alteradas, pode morrer seco, intoxicado por agrotóxico, ser atropelado em uma estrada ou encontrar um muro. Às vezes, a mata mais próxima pode estar a 300 metros, o que é uma barreira muito extensa para ele. Da mesma maneira, o sapo adulto, na época de acasalamento, tem de fazer o caminho oposto, atravessando plantações de cana-de-açúcar, por exemplo.

### JMC - Onde foi realizado o estudo?

CRF - Em 12 áreas de Mata Atlântica, no Estado de São Paulo, incluindo áreas bem preservadas e outras desmatadas.

### JMC - Como resolver o problema da desconexão entre o ambiente reprodutivo dos anfíbios (os corpos d'água) e onde vivem depois (as matas)?

CRF - Para o sapo, não é só o desmatamento que influi, mas como ele é feito. Não adianta preservar uma mata se não houver mata ciliar e conectividade entre a água e a mata mais próxima. Para resolver esse problema precisa haver um corredor conectando as áreas florestais com os rios. A melhor opção é restaurar a mata ciliar. Se a legislação fosse cumprida e tivéssemos as matas ribeirinhas, os sapos não estariam tão prejudicados.

### JMC - Esse problema acontece apenas na Mata Atlântica?

CRF - O processo de declínio de anfíbios é mundial. Estudamos a Mata Atlântica em São Paulo, mas esse processo potencialmente acontece no mundo inteiro. Existem 5.918 espécies de anfíbios descritas no mundo inteiro, das quais 1.896 estão ameaçadas de extinção. O Brasil é o país com o maior número de espécies de anfíbios (765), das quais 25 estão ameaçadas. Na Mata Atlântica, são 483 espécies, das quais 16 estão ameaçadas. ▀



Fotos: Carlos Guilherme Becker

### Dez dicas para economizar água

1. Não deixe a torneira aberta ao escovar os dentes ou fazer a barba.
2. Tome banhos rápidos e ensaboe o corpo com o chuveiro desligado.
3. Não deixe as torneiras pingando e elimine os vazamentos.
4. Feche a torneira enquanto ensaboa pratos e talheres.
5. Não utilize mangueiras para lavar carros ou calçadas. Use um balde.
6. Nunca utilize o vaso sanitário como lixeira ou cinzeiro.
7. Espere juntar bastante roupa para lavá-la de uma vez.
8. Reutilize a água da máquina ou do tanque, que já contém detergentes, para a lavagem de quintais e áreas de serviço.
9. Só regue o jardim nas horas de temperatura mais amena para evitar a perda por evaporação.
10. Lembre-se de que a pressão da água nos apartamentos é maior e, portanto, o consumo é mais elevado.



## Proteja a natureza!

“Alô galera, aqui quem está falando é a Eliana! Eu acredito que conhecendo, se informando

sobre a natureza, sobre o ecossistema, você vai aprender a respeitá-la. Então, a minha dica para você, jovem, que é o futuro do Brasil e do mundo, é que se informe, respeite e proteja o

meio ambiente. Pode ter certeza que o planeta vai agradecer... e as futuras gerações também.”

Depoimento de Eliana ao programa de rádio Sintonia Verde, produzido pela Auris Comunicações. Para ouvir outros relatos e entrevistas sobre a Mata Ciliar, acesse: [www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar](http://www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar)

## CARTAS e E-MAILS

Correspondências com sugestões e críticas podem ser enviadas para:

JORNAL MATA CILIAR  
Rua Lavradio, 105 - Pacaembu  
CEP: 01154-020 - São Paulo - SP  
Tel.: (11) 3666-0993

E-mail:  
[matasciliares@ambiente.sp.gov.br](mailto:matasciliares@ambiente.sp.gov.br)



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
TRABALHANDO POR VOCÊ



[www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar](http://www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar)

EXPEDIENTE: O Jornal Mata Ciliar é uma publicação da Secretaria de Estado do Meio Ambiente de São Paulo e produzido pela SK&C Editora Ltda. Diretor: Lie Liong Khing - Editora: Denise Góes - MTB: 19.275 - Reportagem: Maura Campanili. Conceitos e opiniões emitidos por entrevistados e colaboradores não refletem, necessariamente, a opinião do jornal e de seus editores. Para obter mais exemplares do jornal, entre em contato conosco ou procure nos locais de distribuição, relacionados no site [www.ambiente.sp.gov.br](http://www.ambiente.sp.gov.br). JORNAL MATA CILIAR - R. Lavradio, 105 - Pacaembu - CEP: 01154-020 - São Paulo - SP Tel.: (11) 3666-0993 - E-mail: [matasciliares@ambiente.sp.gov.br](mailto:matasciliares@ambiente.sp.gov.br) - Textos podem ser reproduzidos, citando a fonte: Jornal Mata Ciliar/SMA.